

# A saúde de povos indígenas em perspectiva interdisciplinar

Mônica Celeida Rabelo Nogueira\*

*\*Doutora em Antropologia Social e Professora da Universidade de Brasília  
End. Eletrônico: celeida@unb.br*

Recebido em 16.10.2014  
Aceito em 12.01.2015

RESENHA

**HAVERROTH, Moacir (org.). *Etnobiologia e Saúde de Povos Indígenas. Recife, Pernambuco: NUPEEA, 2013. 275p. Inclui bibliografia e ilustrações. ISBN 978-85-63756-20-6.***

Um dos aspectos mais positivos e promissores da abordagem interdisciplinar é que, ao integrar diferentes áreas de conhecimento, ela oferece novas perspectivas ao pensamento, potencializando a discussão e compreensão de temas complexos, como é o tema “saúde de povos indígenas”. Moacir Haverroth esteve especialmente atento a essas possibilidades, quando organizou a coletânea *Etnobiologia e Saúde de Povos Indígenas*. Ele mesmo se beneficia de sua formação interdisciplinar, com graduação em Ciências Biológicas, seguido por um mestrado em Antropologia Social e um doutorado em Saúde Pública. Atualmente pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), no estado do Acre, Moacir Haverroth dedicou-se nos últimos 10 anos a pesquisas no campo da antropologia da saúde, etnobotânica, saúde indígena e plantas medicinais.

Esta coletânea reúne dez artigos, que se articulam em torno do tema “saúde de povos indígenas”. O tema é tomado em sentido amplo e, portanto, não restrito a concepções de saúde e doença ou aos itinerários terapêuticos, mas incluindo aspectos relativos à segurança alimentar e aos sistemas de produção e manejo de alimentos. Todos os autores se interessam pelos sistemas de conhecimento dos povos indígenas sobre a biodiversidade nativa e os usos associados no tratamento de doenças e nos cuidados com a saúde.

Para além dessas convergências, a obra caracteriza-se pela diversidade. Antes de tudo, isso se expressa no perfil dos autores, composto por pesquisadores experientes e bem estabelecidos no cenário acadêmico, mas também por jovens pesquisadores em formação. Ainda que predomine a orientação antropológica em grande parte dos textos, os enfoques adotados em cada artigo também assinalam a diversidade como uma característica dessa coletânea. Do ponto de vista dos temas, há capítulos que discutem aspectos relativos às plantas medicinais em contextos indígenas regionais; à segurança alimentar, em face dos sistemas indígenas de produção e

manejo de alimentos; à posição e ao papel da alopatia no sistema de saúde indígena; à revisão de fontes documentais dos séculos XVI e XVII para a descrição da etnomedicina Tupinambá, dentre outros recortes empíricos. No conjunto, os capítulos demonstram uma vasta gama de possibilidades em termos de pesquisas no campo da saúde indígena.

Merecem destaque os dois últimos capítulos da coletânea, pelo que trazem de novo. O penúltimo, “E pra tirar panema?” Gente, animal e doença no Baixo Rio Negro”, escrito por Marilena Altenfelder de Arruda Campos e Thiago Mota Cardoso, introduz o leitor à teoria nativa dos caçadores do rio Cuieiras, no baixo rio Negro, Amazonas, sobre as relações entre caça, animais e a saúde individual e coletiva. O capítulo final, “Etnoconhecimentos infantis: as relações das crianças indígenas Galibi-Marworno (Amapá) com o meio ambiente”, de autoria de Camila Guedes Codonho, reflete sobre os processos de aprendizagem de conhecimentos e práticas por parte das crianças, a partir do convívio, da observação e do exercício de atividades diárias nas aldeias e matas no entorno.

Não é dado ao leitor conhecer o contexto de origem da coletânea - se resultou de interlocuções sistemáticas entre os autores a partir de um grupo de pesquisa, por exemplo, ou da realização pontual de algum seminário ou congresso sobre o tema. No entanto, a composição entre os autores sugere um esforço de cooperação no eixo Norte - Sul, envolvendo pesquisadores de centros de pesquisa e universidades da Amazônia e das regiões Sul e Sudeste do país. Grande parte das pesquisas referidas nos artigos, contudo, foi conduzida na região amazônica.

Embora a obra tenha sido publicada em 2013, alguns capítulos apresentam dados desatualizados sobre os povos indígenas no Brasil, tendo em vista os resultados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É provável que esse desajuste se deva ao tempo exigido para a organização de uma coletânea dessa envergadura e às exigências legais que se impõem hoje à produção e divulgação de pesquisas que implicam em acesso a conhecimentos tradicionais associados (CTA) à biodiversidade nativa. Como destaca o organizador da coletânea, em seu prefácio, “para chegarmos a uma publicação como esta, a despeito de suas limitações, muito trabalho houve antes por parte de cada autor” (p. 9), inclusive para a obtenção das devidas autorizações e a construção dos acordos de repartição de benefícios para a produção das respectivas pesquisas e a divulgação de seus resultados.

A despeito de pequenos deslizes nos dados gerais sobre povos indígenas, a obra tem valor didático, oferecendo um bom panorama ao leitor que procura se iniciar nas discussões sobre conhecimentos e práticas indígenas relativos à saúde. A sua leitura é recomendável também para pesquisadores especializados no tema, pois atualiza o leitor mais experiente no campo da saúde indígena sobre esforços recentes de pesquisa na Amazônia.

O livro foi publicado pelo Núcleo de Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com o apoio do Instituto Brasil Plural e pode ser adquirido pelo site [www.nupeea.com](http://www.nupeea.com).